

EDITORA JOSÉ OLYMPIO E EDITORA ALFA-OMEGA: EDITORES E PRODUÇÃO LITERÁRIA EM TEMPOS DE REPRESSÃO POLÍTICA

EDITORA JOSÉ OLYMPIO AND EDITORA ALFA-OMEGA: PUBLISHERS AND LITERARY PRODUCTION IN TIMES OF POLITICAL REPRESSION

Gustavo Orsolon de Souza
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Resumo: O artigo faz uma reflexão sobre duas importantes editoras brasileiras: a José Olympio e a Alfa-Omega. Através de um estudo comparado, a ideia é a observar aproximações e distanciamentos entre elas, assim como, entender a relevância de cada uma na construção do pensamento crítico em suas respectivas épocas. O texto destaca três aspectos: uma breve apresentação da trajetória de José Olympio e de Fernando Mangarielo; o contexto político de abertura das editoras (1930 e 1970); e o perfil ideológico de seus primeiros catálogos.

Palavras-chaves: José Olympio; Alfa-Omega; História Comparada.

Abstract: The article reflects on two important Brazilian publishers: José Olympio and Alfa-Omega. Through a comparative study, the idea is to observe similarities and differences between them, as well as understand the relevance of each one in the construction of critical thinking in their respective times. The text highlights three aspects: a brief presentation of the trajectory of José Olympio and Fernando Mangarielo; the political context of the opening of publishing houses (1930 and 1970); and the ideological profile of its first catalogues.

Keywords: José Olympio; Alfa Omega; Comparative History.

Introdução

Este artigo realiza um estudo comparado entre duas editoras: a José Olympio e a Alfa-Omega¹. A ideia é entender como essas editoras e seus fundadores atuam no mercado editorial em épocas distintas, marcadas por agitações políticas; e também trazer uma contribuição no debate que envolve casas editoriais e produção literária. Para dar conta desta reflexão, o artigo é pautado em fontes orais, bibliográficas e jornalísticas.

O motivo da escolha pela José Olympio e pela Alfa-Omega acontece por conta da importância das instituições em suas respectivas épocas de fundação. Vale lembrar que na década 1930, momento de criação da Editora José Olympio, o sistema político é marcado pelo governo centralizado de Getúlio Vargas. E, na década de 1970, momento da inauguração da Alfa-Omega, o sistema político é sustentado pelo governo dos militares, instaurado no país em 1964. Além disso, por estarem inseridas em um cenário político delicado, tais editoras tornam-se uma espécie de *lócus* de reflexão e crítica, editando títulos que, de alguma forma, dialogam com as principais questões de suas respectivas épocas.

Partindo, portanto, da ideia de uma história comparada e tendo como questão central entender a importância do papel político-social das duas editoras no início de suas atividades, o artigo está dividido em três partes: na primeira parte, “Um Breve Esboço das Trajetórias de José Olympio e de Fernando Mangarielo”, o objetivo é conhecer os editores e verificar em que momento surge o interesse pela criação do próprio empreendimento; na segunda parte, “Os Anos de 1930 e 1970: o cenário político e o nascimento das editoras”, o objetivo é localizar as editoras dentro do contexto político, assim como sua inserção no mercado editorial; e na terceira parte, “José Olympio e Alfa-Omega: identidade e representação”, o objetivo é entender o perfil ideológico de cada editora, destacando aspectos de seus respectivos catálogos.

Um Breve Esboço das Trajetórias de José Olympio e de Fernando Mangarielo

Quando se pensa em um estudo comparado, o historiador Marc Bloch é uma referência importante. Seu trabalho pioneiro, *Os Reis Taumaturgos*, produzido na década

¹ Embora a palavra “Ômega” receba acento circunflexo, o mesmo não é adotado no registro da editora na Junta Comercial do Estado de São Paulo (JUCESP) nem mesmo em suas publicações.

de 1920, traz um estudo bem interessante sobre os reis da França e da Inglaterra, durante a Idade Média, que têm poderes de curar os doentes. Na França, os reis tocam com suas mãos a moléstia; e, na Inglaterra, um anel sagrado é colocado pelo rei no dedo daquele que sofre de ataques epiléticos ou de dores musculares (Bloch 1993, p.43).

Como ressaltam as historiadoras Neyde Theml e Regina Maria da Cunha Bustamante (2007), Bloch escolhe duas regiões “vizinhas e contemporâneas” de forma a entender “aspectos específicos e gerais de cada fenômeno” (Theml; Bustamante, 2007, p. 1-23).

Segundo o historiador José D’Assunção Barros (2007), o trabalho comparado de Bloch veio quebrar algumas barreiras. Uma delas a de romper com a história política do século XIX, e “ultrapassar condicionamentos que haviam sido impostos aos historiadores por mais de um século”, ou seja, um modelo ancorado na “moldura político-estatal monocentrada” (Barros, 2007, p. 1-30).

O trabalho de Bloch é, sem dúvida, um clássico. Tendo como inspiração a sua interpretação, a busca neste artigo também é de uma história comparada, trazendo os “aspectos específicos e gerais” de cada editora. Para refletir este recorte, o primeiro ponto a ser entendido é a trajetória de cada editor. Como salienta a socióloga Heloísa Pontes (1989), para conhecer a história do mercado editorial brasileiro, é de extrema importância entender as trajetórias de seus editores (Pontes 1989, p. 370). Partindo deste princípio, nesta primeira parte do artigo, um breve esboço biográfico de José Olympio e de Fernando Mangarielo é evidenciado no intuito de verificar como surge o interesse pela criação de suas respectivas editoras. Dessa forma, também é possível perceber como suas trajetórias se aproximam e/ou se distanciam em relação aos seus empreendimentos.

José Olympio nasce no ano de 1902, no município de Batatais, interior do Estado de São Paulo. Ainda bem jovem, aos 11 anos de idade, trabalha como balconista, função que também exerce em São Paulo quando, aos 15 anos, muda de cidade na expectativa de um emprego melhor e também na esperança de ingressar, futuramente, no curso de Direito (Hallewell, 1985, p. 346-347).

Os primeiros anos na capital paulista são difíceis. O menino de Batatais ingressa na Casa Garraux localizada, segundo o antropólogo Gustavo Sorá (2010), em um bairro “acadêmico”, entre o Largo de São Francisco (onde fica localizada a Faculdade de

Direito) e a Sé (Sorá, 2010, p. 38). Sobre a Casa Garraux, Pontes diz ser um local que “se vendia de tudo, principalmente tudo que fosse estrangeiro, de tecidos a marrons glacês e inclusive livros” (Pontes, 1989, p. 371).

Dentre as atividades exercidas por José Olympio na Casa Garraux, destacam-se: a abertura de “caixotes de livros novos” e a limpeza da poeira acumulada nas estantes da loja. Aos poucos, o jovem se firma no trabalho, e se torna balconista algum tempo depois (Hallewell, 1985, p. 347).

De balconista, José Olympio é elevado ao cargo de gerente, no ano de 1926, ainda bem novo para os padrões empresariais da época, com 24 anos. Segundo o historiador Fábio Franzini (2006), ao longo desses anos, o jovem tece suas redes de amizades e contatos com “políticos, acadêmicos, escritores”, que têm aquele local como uma espécie de “ponto de encontro” para boas e enriquecedoras conversas. Essa rede de sociabilidade, tecida nos primeiros anos na capital paulista, é fundamental para o futuro empreendimento, a sua própria editora (Franzini, 2006, p. 66).

Aos 28 anos de idade, José Olympio vive um momento ímpar em sua vida. O mesmo adquire a biblioteca de um importante político e intelectual paulista chamado Alfredo Pujol. De acordo com Franzini,

(...) em 1930, a maior biblioteca particular do Estado de São Paulo foi posta à venda após o falecimento de seu proprietário, Alfredo Pujol, advogado, político e membro da Academia Brasileira de Letras. Como o governo paulista recusara-se a comprá-la, José Olympio procurou vários amigos feitos entre as estantes da Garraux para levantar os recursos necessários e, graças aos empresários, pôde arrematá-la por 80 contos de réis, em abril de 1931 (Franzini, 2006, p. 66).

Este, certamente, é o primeiro passo para a construção da sua própria editora, e não demora muito para que José Olympio avance um novo passo: a compra de outra biblioteca particular, desta vez a de Estevão de Almeida, um também renomado advogado e intelectual (Hallewell, 1985, p.350).

A partir dessas duas importantes aquisições, José Olympio cria, em 1931, o seu próprio espaço na capital paulista, “na Rua da Quitanda, nº 19A” (Hallewell, 1985, p. 350). Com seu acervo rico, José Olympio passa a vender os livros e, algum tempo depois, em 1932, lança o seu primeiro título, *Conhece-te pela Psicanálise*, do norte-americano, Joseph Ralph. Embora com um livro estrangeiro logo na estreia, seu catálogo é marcado

pela produção nacional (Franzini, 2006, p. 67).

Outro editor de destaque neste artigo é Fernando Celso de Castro Mangarielo, que nasce em Recife, no ano de 1947. Quando completa 18 anos de idade, vem para São Paulo para trabalhar em uma empresa especializada em balanças. Nesta, o jovem Fernando Mangarielo não fica mais que um mês. Logo em seguida, ingressa em uma livraria chamada Dinucci, sendo este o primeiro contato dele com o mundo dos livros (Entrevista, Fernando, 2018).

Aproximadamente três anos depois de estabelecido em terras paulistas, Fernando Mangarielo entra para o curso de Estudos Orientais da USP, frequentando por aproximadamente dois anos. Em 1968, ao mesmo tempo em que estuda, começa a exercer a função de diretor da Banca da Cultura, uma livraria localizada dentro do campus da USP, próxima ao Conjunto Residencial da Universidade, conhecido como CRUSP, que também funciona como um “ponto de encontro” dos estudantes e intelectuais (Aragão 2013, p.75). No final do mesmo ano, as atividades da Banca são interrompidas devido a uma invasão policial, em decorrência da repressão militar.

Fernando Mangarielo talvez tenha tido uma situação financeira um pouco mais confortável que a de José Olympio, pois não há relatos na bibliografia, até o momento, que o mesmo tenha trabalhado antes dos 18 anos, ainda no Recife. Mas a sua vida em São Paulo é modesta. O mesmo trabalha para se manter. Após sua experiência na Banca da Cultura, Fernando Mangarielo ingressa em editoras famosas na época, como, por exemplo, a Atlas, a McGraw-Hill, a Brasiliense e a Record (Entrevista, Fernando Mangarielo, 2018).

O tempo em que fica na Banca da Cultura é curto, mas assim como acontece com José Olympio, quatro décadas atrás, ainda na Casa Garraux, os laços de amizade são construídos dentro de um espaço que ultrapassa os limites comerciais de compra e venda de livros, ou seja, acontece em um ambiente com características próprias, de encontros e debates. No reduto *uspiano*, onde está instalada a Banca da Cultura, Fernando Mangarielo dialoga com intelectuais importantes, muitos deles professores da própria universidade, o que também vai trazer boas contribuições para o seu projeto editorial, no caso, a futura Alfa-Omega (Maués; Nery; Reimão, 2015, pp. 169-190).

No início da década de 1970, Fernando Mangarielo conhece Claudete Machado, sua futura esposa e sócia, uma figura importantíssima na consolidação da editora.

Claudete Machado acredita no projeto de Fernando, apoiando-o desde o primeiro momento. Os dois ainda bem jovens, ela com 24 anos, e ele com 26, criam a Alfa-Omega no ano de 1973. A editora fica, em um primeiro momento, localizada na própria residência do casal, na Rua Santa Isabel, nº 323, conjunto 502, no centro da cidade, próximo à Santa Casa de Misericórdia, em São Paulo. O livro de estreia é *A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos*, do professor Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa, ligado ao Departamento de História da USP.

No caso da criação da editora José Olympio, a bibliografia mostra o apoio financeiro que o editor recebe. Na época, o jovem de Batatais levanta capital junto aos amigos, o que facilita a abertura do empreendimento. A situação da Alfa-Omega é diferente: o casal investe suas próprias economias – em torno de Cr\$ 20.000 mil cruzeiros – e ainda solicita um empréstimo ao banco para montar o negócio. (Entrevista, Claudete Machado Mangarielo, 2018).

Analisando as trajetórias de Olympio e Mangarielo, é possível perceber que há um aspecto muito parecido entre eles: a experiência com o mercado de livros antes da criação de suas editoras. Olympio adquire prática e estabelece sua rede de contatos com a intelectualidade na Casa Garraux, logo quando chega a São Paulo. Mangarielo acumula seu conhecimento e estabelece suas relações também quando chega a capital paulista, tendo a Banca da Cultura do CRUSP, a Dinucci e outras editoras renomadas como locais de aprendizado.

Esses contatos estabelecidos, construídos pelos editores, no início de suas respectivas carreiras, são fundamentais para a consolidação e o desenvolvimento de seus projetos. No caso de José Olympio, o apoio dos amigos é um ponto chave para compra de duas bibliotecas particulares, sendo também um entusiasmo a mais para criar o seu próprio empreendimento; e, no caso de Fernando Mangarielo, o círculo de amizade construído – principalmente dentro da USP – com os professores e intelectuais, é extremamente decisivo em suas escolhas, como pode ser observado no catálogo inicial, onde há um expressivo número de títulos de autoria de professores vinculados à universidade.

Outra observação nesta análise é a jovialidade dos editores. José Olympio e Fernando Mangarielo estão na mesma faixa etária quando decidem abrir suas editoras. Vale ressaltar que o mercado editorial e também comercial é disputado por pessoas

acima da faixa dos 30 anos. Mesmo com pouca idade, os editores não parecem intimidados com a tamanha responsabilidade de liderar um empreendimento, pelo menos, não há registros sobre isso na bibliografia disponível.

No próximo item, a ideia é mergulhar pelas décadas de 1930 e 1970, de forma a contextualizar e localizar as duas editoras. Essa imersão não é profunda, mas contribui para pensar a perspectiva comparativa que costura este artigo. Embora décadas completamente distintas, elas trazem como marcas a centralização política.

Os Anos de 1930 e 1970: o cenário político e o nascimento das editoras

A editora José Olympio nasce no ano de 1931, em São Paulo. A década de 1930 é marcada por uma forte crise econômica, em decorrência do *crack* da bolsa de valores de Nova York (1929), sendo o setor agrário um dos mais afetados (Capelato, 2013, p. 114-115). Essa crise dura até aproximadamente o ano de 1933.

Em 1930, através de um golpe de Estado, Getúlio Vargas torna-se o representante administrativo provisório do Brasil. Sua administração é marcada por uma “política centralizadora” que acaba com a “autonomia dos Estados” (Capelato, 2013, p. 114). Vale mencionar que a organização do Estado, anterior a 1930, é caracterizada pelo sistema federalista, em que os estados possuem certa autonomia, mesmo sendo controlada pelos interesses dos grupos dominantes, principalmente aqueles ligados à burguesia cafeeira (Diniz, 1984, p. 82).

Na administração provisória, Vargas toma algumas medidas severas que provocam reações. Com a retirada da autonomia dos Estados, São Paulo levanta sua contestação, no episódio conhecido como Revolução Constitucionalista de 1932. (Capelato, 2013, p.114). Este episódio, assim como a Grande Depressão, provocada pela crise econômica, traz uma estagnação para a vida “comercial e cultural” de São Paulo. Este talvez seja um dos principais motivos para a decisão de José Olympio transferir a editora para o Rio de Janeiro, que neste momento já apresenta recuperação no setor literário (Hallewell, 1985, p. 356).

Embora com um cenário político e econômico conturbado, o setor editorial apresenta sinais de aquecimento. Até a década de 1920, editar um livro no Brasil é uma tarefa muito difícil, restrito a um pequeno número de pessoas. O parque gráfico é reduzido e muitos livros precisam ser impressos no exterior. Essa situação muda no

país, curiosamente durante o período da crise de 1929, quando ocorre uma valorização da “indústria de bens culturais”, com destaque para os livros (Pontes 1989, p. 366). Dentre as editoras em atividade na década de 1930, destacam-se: no Rio de Janeiro, a Editora Ariel, a Livraria Schmidt Editora e a Editora Civilização Brasileira; em São Paulo, a Companhia Editora Nacional; e em Porto Alegre, a Livraria do Globo.

Mesmo com o aquecimento editorial, José Olympio ainda sente os efeitos do desgaste político-econômico de São Paulo, e demora certo tempo para lançar um novo título no mercado. A sua segunda publicação só ocorre em 1933. É também neste período que José Olympio procura um importante intelectual, cronista e poeta chamado Humberto Campos para compor o seu quadro de autores. A parceria prospera, José Olympio ganha fôlego e confiança e, em pouco tempo, Campos torna-se o nome mais importante de vendagem da editora que, neste momento, já está estabelecida em terras cariocas (Franzini, 2006, 67-68).

No ano de 1932 é fundada no Brasil, pelo jornalista e escritor Plínio Salgado, a Ação Integralista Brasileira, uma organização política voltada para as ideias fascistas que predominavam no exterior. Rapidamente cresce e conquista as classes dominantes (Vianna 2003, p. 69). Embora José Olympio tenha sido o “editor preferido dos integralistas, jamais concordou em publicar quaisquer das diatribes racistas de inspiração nazista” (Hallewell, 1985, p. 365). A marca da editora José Olympio fica, segundo Franzini (2015), concentrada na valorização dos autores nacionais, que surgem “tanto na literatura quanto no pensamento social”, como, “José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Dinah Silveira de Queiroz, Guimarães Rosa, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda”. O editor também privilegia artistas plásticos talentosos para confecção das capas dos seus títulos, como, “Tomás Santa Rosa, Luís Jardim e Cícero Dias” (Franzini, 2015, 1-13).

A editora Alfa-Omega, como mencionado anteriormente, nasce no ano de 1973. O Brasil vive o período do regime militar, instaurado em 1964, e que só termina oficialmente em 1985. O golpe de 64 acaba com “as organizações políticas” e reprime todos os “movimentos sociais de esquerda e progressista” (Toledo, 2004, p. 15-18).

Os anos de 1968 até o ano de 1974 são considerados os mais difíceis. Em 1968, por exemplo, é instaurado pelos militares o Ato Institucional nº 5 – AI5. Os anos posteriores ao AI-5 são rígidos, “com o fechamento temporário do Congresso”, e com “a

segunda onda de cassação de mandatos e suspensão dos direitos políticos, o estabelecimento da censura à imprensa e às produções culturais, as demissões nas universidades” (Almeida; Weis, 1998, p.332).

O período também é marcado por um “surto da expansão da economia”, conhecido como “milagre econômico”, que valoriza ainda mais setores ligados à classe média (Almeida; Weis, 1998, p.333). Esse período coincide também com o desenvolvimento da indústria editorial brasileira, trazendo muitos livros com algum tipo de crítica ao regime vigente (Maués, 2013, p. 10). Dentre algumas editoras em atividade neste momento, destacam-se: a Global, a Edições Populares, a Brasil Debates, a Ciências Humanas, a Kairós, a Hucitec, a L&PM, a Codecri. Embora essas editoras tenham um perfil de oposição, nem todas apresentam “vinculações políticas explícitas” (Maués, 2013, p. 13).

Assim como a editora José Olympio, a editora Alfa-Omega também privilegia os autores nacionais, principalmente aqueles desconhecidos do grande público. Mas o forte do catálogo são os títulos voltados para as Ciências Humanas, dedicados ao público universitário. Mas sobre isso, tenho a intenção de retratar no próximo item. Por ora, costurando um pouco mais a análise comparativa, vale mencionar, que as duas editoras são fundadas em momentos marcantes da história política brasileira. Tanto o governo de Getúlio Vargas, na década de 1930, quanto o governo dos militares, na década de 1970, influenciam diretamente as publicações. Essa influência ocorre principalmente pelo fato de existir uma necessidade dos intelectuais, de cada época, expressarem suas ideias, anseios e críticas em relação ao cenário político, econômico e cultural.

Para Franzini (2006), o editor José Olympio “personificava em si e em sua atividade muito do espírito da época. Do início modesto em São Paulo à afirmação como editor de renome, toda a sua ascensão pessoal e profissional” é resultado das “profundas mudanças ocorridas na sociedade brasileira entre meados da década de 1910 e início dos anos de 1930, as quais moldaram a geração intelectual que então se formava”. Ainda de acordo com o historiador, o editor José Olympio “acabou por assumir e partilhar os anseios e as propostas dessa nova geração (à qual, de resto, pertencia), bem como também nova consciência nacional por ela reivindicada e expressada” (Franzini, 2006, p. 75-76).

No catálogo da editora observa-se, portanto, “agentes (por exemplo, Jorge

Amado) e elementos (por exemplo, a brasileira) necessários para interpretar os novos rumos da diferenciação codeterminada pelas figuras do escritor e do editor” (Sorá, 2010, p. 435). Nesse sentido, é possível verificar que a editora, durante a movimentada década de 1930, ocupa um lugar de destaque, editando os principais debates políticos e sociais. A editora José Olympio tem uma característica bastante particular: a conquista do “entremeio da literatura e da política” (Stasio, 2012, p. 81).

Fernando Mangarielo, por sua vez, também teve forte influência do cenário político em suas escolhas. O editor funda seu empreendimento em plena ditadura militar, editando títulos que fazem oposição ao regime. Os professores da USP e a área das Ciências Humanas ganham destaque nos primeiros anos de funcionamento da editora. Em entrevista concedida à historiadora Eloísa Aragão, em 2006, Fernando Mangarielo afirma que luta com a sua geração e com as ideias do seu tempo. Nesse sentido, tem que “tomar uma posição política para saber de que lado da História ia ficar, por que ficar”, tem ainda que “medir as consequências e os avanços das ações” e “observar quem estava pra valer e quem não estava no jogo dessas lutas que então se travavam naquele cenário de fechamento imposto pelo regime militar” (Entrevista de Fernando Mangarielo *apud* Aragão 2007, pp. 155-174). Fernando Mangarielo publica, entre os anos 1973 e 1985, o que fica conhecido como o “pensamento crítico”, através de “obras caracterizadas como Literatura Política”, (Maués, Nery e Reimão, 2015, pp. 169-190).

Depois dessa breve observação do contexto político em que estão inseridas as duas editoras, é hora de avançar um pouco mais para entender o perfil ideológico de cada uma, observando aspectos dos catálogos e suas motivações comerciais.

José Olympio e Alfa-Omega: identidade e representação

Como destacado anteriormente, a década de 1930 é marcada por conturbações políticas, principalmente na cidade de São Paulo, onde está localizada, inicialmente, a editora José Olympio. Como mencionado também, em decorrência do cenário político, José Olympio demora um pouco para lançar o segundo título, isso só ocorre no ano de 1933, com o trabalho de Honório de Sylos, *Itararé! Itararé! Notas de Campanha* (Hallewell, 1985, p. 350).

As dificuldades enfrentadas com o mercado editorial em São Paulo e a

expectativa de melhores condições comerciais na capital carioca fazem com que José Olympio mude para o Rio de Janeiro, no ano de 1934, já que a cidade começa a “recuperar a posição de preeminência literária e intelectual” que havia perdido para a capital paulistana (Hallewell, 1985, p. 350).

A inauguração da José Olympio no Rio de Janeiro é motivo de destaque em alguns periódicos que circulam na cidade. O *Diário Carioca*² é um deles, trazendo o endereço da nova sede:

Inaugura-se hoje na Rua do Ouvidor, 110, a Livraria José Olympio Editora. Esta notícia merece um registro especial, sabendo-se que a nova empresa, antes mesmo da sua abertura, já iniciou um notável programa de realizações, lançando obras dos mais brilhantes escriptores brasileiros. O escriptor José Lins do Rego, autor do “Menino de Engenho” e “Banguê”, últimas edições da Editora José Olympio, autographará todos os exemplares desses livros adquiridos, hoje, na nova Livraria (*Diário carioca*, 1934).

Outro periódico que também noticia o novo endereço é *A Nação* (1934). Este, assim como o *Diário Carioca*, destaca a presença do escritor José Lins do Rego³ na inauguração da nova sede. A mudança de endereço parece ter sido realmente um momento chave para a editora José Olympio. A partir de 1934, seu catálogo se amplia. Trinta e dois títulos são publicados no ano de 1934; no ano seguinte, em 1935, cinquenta e nove; e em 1936 a editora chega à marca de sessenta e seis títulos publicados (Hallewell, 1985, p. 357).

Dos trinta e dois títulos publicados em 1934, cinco são de autoria de Humberto Campos. Este autor, como visto no item anterior, traz bons números de vendagem para a José Olympio. Quando chega à editora, Campos lança livro inédito de contos intitulado *Os Párias*. A boa repercussão do autor contribui para a consolidação da editora no mercado editorial, que se firma como uma casa voltada para a literatura. Nos anos seguintes, o nome de Campos continua sendo uma marca registrada no catálogo da José Olympio chegando, em 1935, ao número de dezessete títulos publicados (Gama, 2016, pp. 27-42).

Além de Humberto Campos, outros nomes conhecidos fazem parte das

² Foi preservada a grafia original das palavras.

³ José Lins do Rego Cavalcanti, nasce na cidade Engenho Corredor (PB), em 03 de junho de 1901, e se forma em Direito, na década de 1920, na Faculdade de Direito de Recife. Mas é na década de 1930 que se firma como escritor e romancista. O livro de estreia, *Menino de Engenho*, é bem recebido pela crítica, chegando a ganhar o Prêmio Graça Aranha. Cf: <https://www.academia.org.br/academicos/jose-lins-do-rego/biografia>. Acesso em: 18/09/2022.

primeiras publicações da editora. Entre eles destacam-se: Jorge Amado; Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, Plínio Salgado, Sérgio Buarque de Holanda. O perfil editorial da casa, segundo Hallewell, é basicamente “ficção, ensaios e história” (Hallewell, 1985, p. 361).

Em 1936, a editora lança, por exemplo, a sua coleção brasileira, intitulada *Documentos Brasileiros* sendo, na visão de Franzini (2015), um dos projetos mais notáveis publicados no país. A coleção tem direção inicial de Gilberto Freyre passando, posteriormente, para outros nomes como o de Octávio Tarquínio de Sousa e o de Afonso Arinos de Melo Franco (Franzini, 2015, pp. 01-13). O primeiro título da coleção *Documentos Brasileiros* é o clássico *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Tendo como símbolo de capa uma palmeira, a coleção busca atender um público diferente, que cresce no país, interessado em conhecer temas de caráter nacional pouco divulgados até aquele momento (Sorá, 2010, p. 29). Em outras palavras, o sucesso do material se deve a um desejo particular do público em se aprofundar em debates envolvendo os aspectos a “respeito da formação histórico-social brasileira” (Franzini, 2015, pp. 01-13).

Em 1939, o “pensamento cristão” também ganha espaço em seu catálogo. Sob a direção do padre Pascoal Lacroix, a coleção vem com a proposta de abordar temas de caráter religiosos, como, por exemplo, a vida de Jesus Cristo e algumas ideias defendidas pela Igreja católica (Sorá, 2010, p. 288).

Sobre o perfil político ideológico da editora, Hallewell (1985) destaca como sendo partidário das diferentes formas de opinião. O pesquisador leva em consideração duas opiniões: a de Vera, esposa de José Olympio; e a do poeta e cronista Carlos Drummond Andrade. Vera usa o termo “ecclético” para definir o perfil editorial, e Drummond afirma que a editora publica com respeito autores dos diferentes partidos (Hallewell, 1985, p. 362-363).

Sobre a editora Alfa-Omega, o caminho é diferente. A editora sempre se manteve em São Paulo, embora com algumas mudanças de endereço dentro da própria cidade. Hoje a mesma está localizada na Rua Lisboa, nº 489, no bairro de Pinheiros.

Como destacado anteriormente, o círculo de amizade construído dentro da USP é de extrema importância para Fernando Mangarielo e para a consolidação de sua editora. O livro de estreia como também mencionado neste artigo é de autoria de um professor

da universidade. Essa prática de editar professores da USP pode ser considerada uma marca importante nos primeiros anos de atividades da editora.

Dos quarenta e quatro títulos da Alfa-Omega, publicados nos três primeiros anos, dezesseis são de professores da USP. Dentre os autores destacam-se: Sedi Hirano, Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Nícia Villela Luz (Maués; Nery; Reimão, 2015, pp. 169-190).

Além dos professores da USP, o catálogo da Alfa-Omega traz também outros nomes já bastante conhecidos e respeitados, como, por exemplo, Odilon Nogueira de Matos, Sérgio Buarque de Holanda, Barbosa Lima Sobrinho, Victor Nunes Leal, Virgínio Santa Rosa, Leôncio Basbaum (Maués; Nery; Reimão, 2015, p. 169-190).

Assim como a editora José Olympio, a Alfa-Omega também tem seu catálogo de publicações ampliado logo nos primeiros anos. Tal afirmação é noticiada pelo *Jornal do Brasil*:

Em três anos, a editora Alfa-Omega lançou 30 livros sobre assuntos brasileiros, em todas as áreas. O editor Fernando Mangarielo, que se confessa ‘fascinado pelo autor brasileiro’, conseguiu provar que o livro de autor nacional pode vender bem: ‘Já é tempo – diz ele – de deixarmos de jogar areia nos olhos do escritor brasileiro’. E Fernando prova isso, aos 28 anos, mesmo sem ter uma grande estrutura editorial. A editora Alfa-Omega funciona na sua própria casa numa travessa da Avenida Rebouças em São Paulo e se, em 1973, editou dois livros, em 1974, já editava seis, chegando a editar 22 livros sobre o Brasil em 1975 (*Jornal do Brasil*, 1976).

A fonte traz o número de trinta títulos voltados para assuntos brasileiros, um número bem expressivo de publicações para uma jovem editora. Outro ponto importante explicitado na fonte é a valorização do autor brasileiro por Mangarielo, o que também não difere da preocupação de José Olympio, que, embora lance um livro de estreia estrangeiro, sempre esteve voltado para a produção brasileira (Franzini 2006, p. 67).

Enquanto a editora José Olympio tem Humberto Campos como principal nome dentro do seu catálogo, a editora Alfa-Omega tem o jornalista Fernando Morais⁴ como o

⁴ Fernando Morais nasce em Mariana (MG), em 1946, e desde os 13 anos atua como jornalista em Belo Horizonte (MG). Em 1965, muda-se para São Paulo, consolidando sua carreira em importantes periódicos, como o *Jornal da Tarde*, a *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*. O livro *A Ilha*, publicado em 1976, é reeditado 29 vezes pela Alfa-Omega. Cf: SOUZA, Gustavo Orsolon de. *Editora Alfa-Omega: produção*

seu principal representante. Na verdade, o livro *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, publicado em 1976, torna-se o *best-seller* da editora.

A tendência ideológica da Alfa-Omega aponta uma preferência para títulos de oposição política. Embora não sendo uma editora partidária, Maués (2013) afirma certa afinidade com o Partido Comunista Brasileiro. Seu catálogo inicial é basicamente voltado para a área das Ciências Humanas, abrindo o leque algum tempo depois para a “literatura nacional, livros-reportagem e clássicos do socialismo” (Maués, 2013, p. 33-34).

Observando, portanto, os catálogos iniciais das duas editoras é possível perceber que elas ampliam seus catálogos rapidamente nos primeiros anos de funcionamento. As duas editoras publicam mais de trinta títulos em apenas três anos. Isso mostra que elas conseguem se consolidar logo no mercado editorial. Sem dúvida, essa expansão do catálogo está relacionada ao cuidado e a eficiência profissional de seus editores, que percebem rapidamente a preferência de seus respectivos públicos. A editora José Olympio, por exemplo, aposta em um catálogo mais extenso, destacando ficção, ensaios, história e temas religiosos. Já a editora Alfa-Omega busca conquistar seus clientes com temáticas voltadas para as Ciências Humanas, com foco na produção de acadêmicos. Mesmo com escolhas e caminhos diferentes, são editoras que trazem publicações relevantes e que contribuem para as reflexões políticas de seu tempo.

Considerações Finais

Sem a pretensão de trazer uma conclusão no sentido pleno do termo, a ideia neste item final é apenas recuperar alguns dos “aspectos específicos e gerais” apresentados neste artigo. Fica claro que a experiência profissional de José Olympio e Fernando Mangarielo é fundamental em suas carreiras. Os dois vivenciam o mundo dos livros antes de abrir seus próprios empreendimentos. Isso demonstra que seus projetos não são pensados de maneira precipitada; pelo contrário, cada um tem o seu amadurecimento ao longo dos anos, seja na experiência adquirida como livreiros, seja nos intensos diálogos travados com representantes de diversos segmentos, dentre eles, aqueles ligados ao meio acadêmico.

literária em tempos de censura (1973-1984). Tese de Doutorado em História Social. São Gonçalo-RJ: UERJ/FFP, 2022.

A jovialidade também é uma marca comum entre os dois editores. A pouca idade não os intimida a encarar um trabalho que exige uma dose de perspicácia, principalmente para decidir quais obras devem ser publicadas e que possivelmente agradam o seu público. Essa sensibilidade única, encontrada nos editores, é fundamental para ampliar os seus catálogos sendo, em pouco tempo, uma referência no mercado de livros no Brasil.

Uma definição dada pelas historiadoras Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen (2016) torna-se apropriada aqui e ajuda a resumir bem a importância desses dois personagens. Elas definem os intelectuais como “sujeitos conectados” que dialogam com as “questões políticas e sociais de seu tempo” (Gomes; Hansen, 2016, p. 12). Sem dúvida, José Olympio e Fernando Mangarielo são exemplos de intelectuais, antenados e preocupados com as questões de suas respectivas épocas.

Por fim, vale lembrar que não são apenas José Olympio e Fernando Mangarielo que contribuem com o desenvolvimento do pensamento crítico, editando temas voltados para questões políticas e sociais. Vários outros editores brasileiros, inclusive contemporâneos a eles, têm em comum essa mesma característica. Mas, por uma opção de recorte, apenas os dois são evidenciados neste texto. Cabe, em outros estudos, um olhar especial para o papel social dos editores e das editoras, pois através da produção literária produzida por essas casas, é possível conhecer um pouco mais sobre a própria história política do Brasil. Dessa forma, esse artigo é apenas uma pequena reflexão de um campo que ainda tem muito a oferecer.

Referências bibliográficas:

Fontes:

A Inauguração Hoje, da Livraria José Olympio. In: **A Nação**, Rio de Janeiro, 03 de julho de 1934. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=120200&pasta=ano%20193&pesq=editora%20jos%C3%A9%20olympio>>. Acesso em 03/11/2018.

Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

Entrevista concedida por Fernando Celso de Castro Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

Livraria José Olympio. In: **Diário Carioca**, 03 de julho de 1934. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093092_02&pasta=ano%20193&pesq=editora%20jos%C3%A9%20olympio>. Acesso em 03/11/2018.

RANGEL, Maria Lucia; LUPPI, Carlos Alberto; FONSECA, José Ribamar; SOUZA, Hugo de Almeida. O Brasil, Enfim Reeditado. In: **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 03 de maio de 1976. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=cria%C3%A7%C3%A3o%20da%20editora%20alfa-Omega>. Acesso em: 26/07/2018.

Site:

<https://www.academia.org.br/academicos/jose-lins-do-rego/biografia>

Livros, Teses, Dissertações e Artigos:

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro-Zero e Paul de Arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ARAGÃO, Eloísa. A Editora Alfa-Omega nos Anos de Chumbo: entrevista com Fernando Mangarielo. In: **Oralidades: Revista de História Oral**, São Paulo, n. 02, pp. 155-174, jul./dez. 2007. Disponível na internet via: <http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/201909/Oralidades%200.pdf>. Acesso em: 19/01/2020.

ARAGÃO, Eloísa. **Censura na Lei e na Marra**: como a ditadura quis calar as narrativas sobre suas violências. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2013.

BARROS, José D'Assunção. História Comparada – Um Novo Modo de Ver e Fazer História. In: **Revista de História Comparada**, vol. 1, n.1. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. p. 01-30. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/144/136>>. Acesso em: 15/11/2018.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Os Reis Taumaturgos**: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra; tradução Júlia Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAPELATO, Maria Helena. Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano. O Tempo do Nacional-Estatismo*, vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DATIENNE, Marcel. **Comparar Lo Incomparable**; traducción de Marga Latorre. Barcelona: Ediciones Península, 2001.

DINIZ, Eli. O Estado Novo: estrutura de poder. Relações de Classe. In: FAUSTO, Boris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Sociedade e Política**, t. III, vol.3. São Paulo. DIFEL, 1984.

FRANZINI, Fábio. **À Sombra das Palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)**. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2006.

FRANZINI, Fábio. Da Rua do Ouvidor à Rua São Clemente: encontros e desencontros com José Olympio. In: **Revista de Fontes**, Guarulhos-SP, vol. 2 n.3, pp. 1-13, 2015. Disponível na internet via: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/fontes/article/view/9167>. Acesso em: 15/09/2022.

GAMA, MÔNICA. O Processo de Criação de um Livro: o arquivo da editora José Olympio. In: **Manuscrita**, São Paulo, n. 3, pp. 27-42, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177869>>. Acesso em: 17/09/2022.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais, Mediação Cultural e Projetos Políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: ____ (orgs.). **Intelectuais Mediadores: Práticas Culturais e Ação Política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil: sua história**; tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da USP, 1985.

MAUÉS, Flamarion. **Livros Contra a Ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984**. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias; REIMÃO, Sandra. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro. In: **Intercom – RBCC**, vol. 38, n. 01. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. p. 169-190. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2210/1874>>. Acesso em: 10/05/2018.

PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: editores, editoras e “Coleções Brasileiras” nas décadas de 30,40 e 50. In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**, vol.1. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989.

SINGER, Paul. Interpretação do Brasil: uma experiência histórica de desenvolvimento. In: FAUSTO, Boris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Economia e Cultura**, t. III, vol. 4. São Paulo: DIFEL, 1984.

SORÁ, Gustavo. **Brasileiras: José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010.

SOUZA, Gustavo Orsolon de Souza. **Editora Alfa-Omega: produção literária em tempos de censura (1973-1984)**. Tese de Doutorado em História Social. São Gonçalo-RJ: UERJ/FFP, 2022.

STASIO, Angela Maria Di. **José Olympio: o homem e a editora – a construção discursiva da imagem do editor e da editora na memória social**. Dissertação de Mestrado em Memória Social. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2012.

THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. História Comparada: olhares plurais. In: **Revista de História Comparada**, vol. 1, n. 1. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. p. 1-23. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/issue/view/32>>. Acesso em: 01/11/2018.

TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: o golpe contra as reformas e a democracia. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.24, n. 47. p. 15-28, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201882004000100002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 11/11/2018.

VIANNA, Marly de Almeida. O PCB, a ANL e as Insurreições de Novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano. O Tempo do Nacional-Estatismo**, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Recebido: 24/07/2023

Aprovado: 10/10/2024